

ESTUDO GEOLINGUÍSTICO SOBRE COMUNIDADES TRADICIONAIS INDÍGENAS

GEOLINGUISTIC STUDY ON INDIGENOUS TRADITIONAL COMMUNITIES

Fábio Luidy de Oliveira Alves¹

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados correspondentes à diversidade linguística lexical do português falado em comunidades Asuriní do Xingu e Araweté, a partir da análise do item “conjuntivite”. O estudo segue a orientação da Dialetoologia Pluridimensional destacada em Radtke e Thun (1996) e Thun (1998) e teve em vista mapear aspectos da diversidade lexical em quatro comunidades pertencentes a essas duas etnias. Os resultados apresentados limitam-se a um item do questionário semântico-lexical (QSL) do projeto ALiB e mostram uma variedade do português constituída de influências sociolinguísticas tanto dos indígenas quanto da sociedade envolvente com a qual eles interagem.

Palavras-chave: Variação semântico-lexical. Língua Portuguesa. Dialetoologia pluridimensional.

Abstract: The present work presents results corresponding to the lexical diversity in Portuguese spoken by Asuriní Xingu and Araweté, on the analysis of the item "conjunctivitis". The study follows the orientation of the Pluridimensional Dialectology of Radtke and Thun (1996) and Thun (1998) and aimed to map aspects of lexical linguistic diversity in four Asuriní and Araweté communities. The results presented are limited to one item of the semantic-lexical questionnaire of the ALiB project and reveal a variety of Portuguese constituted of sociolinguistic influences of the indigenous people, especially of the surrounding society with which the Asuriní and the Araweté interact.

Keywords: Semantic-lexical variation. Portuguese language. Pluridimensional Dialectology.

Introdução

É evidente que os estudos geolinguísticos alcançaram áreas de difícil acesso para pesquisas, por exemplo, comunidades tradicionais indígenas e quilombolas. Esses espaços passaram a ter suas variedades de línguas como centrais para os novos objetivos da Geolinguística. As áreas indígenas brasileiras concentram uma grande diversidade linguística e com relações interlinguísticas complexas (contato linguístico) que fazem com que as pesquisas de cunho dialetológico passem a reelaborar novos métodos para dar conta de mapear as variedades desses espaços.

Para Radtke e Thun (1996), pensar em Geolinguística na América do Sul é pensar também nas línguas faladas por povos autóctones. Os autores destacam que não considerar essas línguas ou as suas situações de contato é falsear a imagem linguística do território em estudo. Assim, torna-se imprescindível estudar o contato linguístico em áreas indígenas.

Como o português falado em áreas indígenas ainda é pouco estudado no Brasil, este trabalho vem apresentar resultados de como se configura a diversidade linguística de comunidades Asuriní do Xingu e Araweté, em que há a situação de contato entre Português Brasileiro (PB) e línguas indígenas.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Letras pela mesma universidade. E-mail: fabio-luidy@hotmail.com

Algumas variedades de PB de áreas indígenas já foram mapeadas e estudadas por Guedes (2017), Costa (2018) e Rodrigues (2017). Esses estudos foram os primeiros trabalhos geolinguísticos realizados sobre as línguas faladas em territórios indígenas brasileiros. Cabe destacar que os trabalhos tratam apenas do PB, o qual se apresenta em contato com línguas Tupí-Guaraní.

Com a utilização dos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, abordagem que se propõe a mapear línguas e variedades de línguas em contato, apresentaremos o mapeamento da variedade de PB falado em comunidades habitadas pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté e destacaremos a análise pluridimensional do item lexical “conjuntivite”, referente ao campo semântico “corpo humano” do QSL do projeto *Atlas linguístico do Brasil* (ALiB).

Além dos resultados apresentados aqui, destacamos a participação dos Asuriní do Xingu e dos Araweté no contexto da cidade de Altamira, alguns fatores sócio-culturais dessas duas etnias que influenciam sua diversidade lexical e algumas influências sociolinguísticas da sociedade envolvente, principalmente a realização do projeto hidrelétrico de Belo Monte², que interferiu no modo de vida e na variedade do PB dos indígenas.

Contexto da pesquisa

Os Asuriní do Xingu e os Araweté estão situados no domínio político do município de Altamira, estado do Pará. Suas terras estão localizadas na região do Médio Xingu, região composta por várias terras indígenas pertencentes a etnias falantes de línguas Tupí, Macro-Jê e Karib e que possui grande diversidade linguística e cultural.

As etnias indígenas que vivem no Médio Xingu possuem históricos bem diferentes quando se trata de interações com a sociedade envolvente. Nos últimos anos, os contatos se intensificaram por conta da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte no município de Altamira, o que ocasionou mudanças no *modos vivendi* dos indígenas.

Os Asuriní do Xingu estão divididos em duas aldeias, Itaaka e Kwatinemu, na terra indígena (TI) Koatinemo. Tal povo assimilou a cultura do não-indígena de forma muito rápida desde o seu efetivo contato na década de setenta. Atualmente, a língua portuguesa é falada por quase todos os indígenas, com exceção dos mais velhos que só falam a língua Asuriní do Xingu. O português da sociedade envolvente ainda influencia as comunidades Asuriní devido às constantes participações dos indígenas na cidade de Altamira, em decorrência do projeto Belo Monte.

Os Araweté, etnia vizinha aos Asuriní, habitam na TI Araweté Igarapé Ipixuna. O contato efetivo com a sociedade envolvente deu-se na década de setenta. Ainda conservam bastante seus costumes

² Macro projeto responsável pela construção da usina hidrelétrica de Belo Monte. A usina localiza-se na região do Médio Xingu, a 150Km da cidade de Altamira.

tradicionais tal qual sua língua étnica. Atualmente, os Araweté estão distribuídos em 9 comunidades. Essa etnia também vivencia eventos muito semelhantes aos mencionados em relação aos Asuriní do Xingu no que se refere à participação indígena no contexto da cidade de Altamira. Mas, ao contrário dos Asuriní, os Araweté são muito resistentes às mudanças provocadas pelo contato. Isso se reflete na língua; mais da metade dos Araweté não falam português e os que falam são na maioria das vezes jovens do sexo masculino. Esses jovens estão cada vez mais envolvidos com a cultura da sociedade envolvente e com a escola.

Da Geolinguística tradicional à Geolinguística Pluridimensional

Coseriu (1982) cunhou um conceito para a Dialetoлогия que se resume como “o estudo da variedade diatópica e das relações interdialetais”. Tradicionalmente, ela se ocupou apenas do espaço geográfico, mais precisamente, segundo Trudgill (2000), com a área rural e com o comportamento linguístico de determinadas camadas sociais, ou seja, um grupo de pessoas com idade avançada, composto por homens com baixa escolaridade. Essa área dos estudos linguísticos ficou denominada também de Dialetoлогия tradicional, monodimensional, horizontal ou areal³ em comparação com os estudos dialetológicos atuais, os quais incluem outras variáveis à variável diatópica.

Devido às novas configurações do espaço rural no século XX e ao surgimento da Sociolinguística, houve a necessidade de incorporar novos métodos à Dialetoлогия areal para que pudesse interpretar com mais fidelidade esse espaço. Sobre o assunto, Brandão (1991, p.26) faz as seguintes ponderações:

Assim, hoje, torna-se imperativo, por exemplo, incluir, entre os critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do *corpus* de um atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as particularidades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

A partir das novas perspectivas nos estudos geolinguísticos, moldou-se um conceito moderno para a Dialetoлогия que, segundo Cardoso (2010), passou a ser uma área da Linguística que procura identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Mas, a esse conceito atual de dialetoлогия, que agrega dimensões sociais às suas investigações diatópicas, o comportamento linguístico no espaço segue ainda como seu principal objetivo, como adverte Cardoso (2010, p. 26):

³ Sobre as nomenclaturas na literatura linguística aos estudos geolinguísticos que consideram apenas a variável espacial, temos Cardoso (2010) que faz referência a eles como Geolinguística tradicional e Thun (1998) que os chama de Geolinguística areal, horizontal, diatópica ou monodimensional.

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, a dialetologia e a sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. O enfoque diatópico e sociolinguístico se faz presente em ambas. Distinguem-se, no entanto, na forma de tratar os fenômenos e na perspectiva que imprimem à abordagem dos fatos linguísticos. A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configurando-se dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, concentra-se na correlação entre fatos linguísticos e fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

Uma crítica principal que recebe a Dialetologia moderna é que ela não inclui em suas pesquisas áreas de contato linguístico. Radtke e Thun (1996) dizem que o mapeamento de línguas em contato é essencial, já que não há dialetos puros, principalmente falando do território latino-americano.

Com novos objetivos da Geolinguística para analisar um espaço plurilíngue na sua totalidade, é que surge a Dialetologia Pluridimensional, disciplina que, nas palavras de Thun (1998), se propõe a sistematizar uma “ciência geral da variação linguística”.

Uma das inovações da Dialetologia Pluridimensional é o parâmetro contactual, dimensão independente, que sistematiza o estudo do contato linguístico. Sobre o assunto, Radtke e Thun (1996, p. 38) argumentam:

El parámetro contactual es una dimensión independiente. Su estudio abre un nuevo camino que conduce a través de todos los planos de las variedades, desde el idioleto, a través de la desdialectalización, de la regionalización y de la formación de una koiné entre hablas de grupos, hasta el contacto entre lenguas “comunes”. No sólo la dialectología entendida como ciencia de la variación, sino ya la geografía lingüística areal monodimensional debe aprovechar la posibilidad del “estudio geolingüístico bilingüe” (Cl. Wagner), o más bien, “plurilingüe”.

Em conformidade com os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetologia areal e da Sociolinguística, Thun (1998) destaca que a correlação do espaço bidimensional horizontal trabalhado por aquela disciplina e do espaço vertical estudado por esta é que se encontra o espaço tridimensional da Dialetologia pluridimensional e relacional. Portanto, é a partir das disciplinas Dialetologia e Sociolinguística que se fez a Dialetologia Pluridimensional. Thun (1998, p. 704) destaca a confluência dessas duas áreas:

La Dialectología areal y La Sociolingüística, disciplinas históricamente separadas, confluyen en una geolingüística ampliada que puede llamarse oportunamente “Dialectología pluridimensional” y que se entiende como parte de la ciencia general da variación lingüística e de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y hablantes por el otro. [...]. No deja de ser una geolingüística porque la Dialectología pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio lo suficientemente grandes para que aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferencia por el macroanálisis no excluye la posibilidad de que la Dialectología pluridimensional trabaje en escala menor (en mesozonas y microzonas).

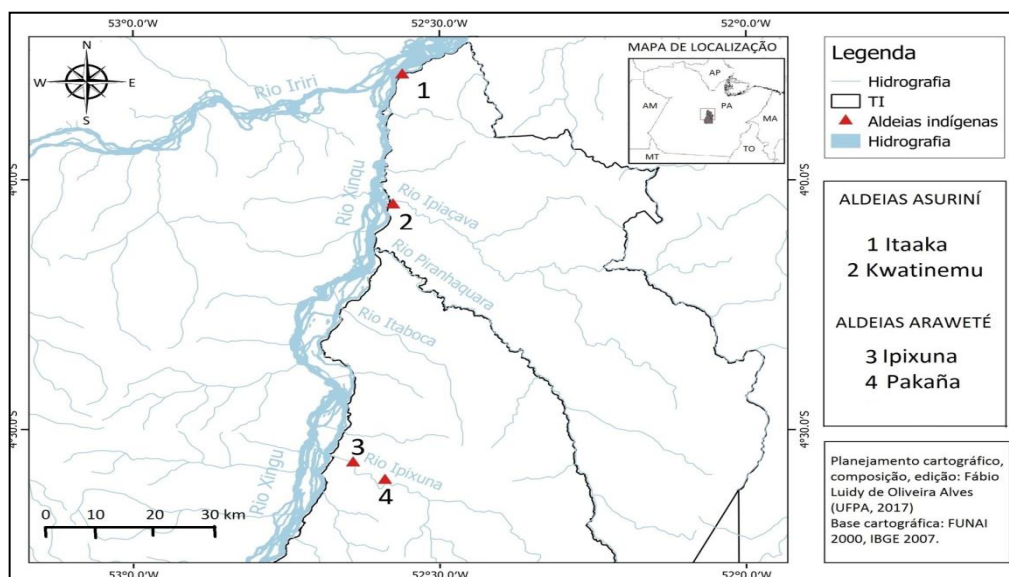
De fato, não podemos negar que os estudos geolinguísticos mudaram e que o seu objetivo essencial, o comportamento linguístico no espaço, passa a se revezar com o comportamento linguístico no seio social, e nem podemos dizer que os estudos geolinguísticos tradicionais e modernos são iguais. Neste sentido, novos métodos de investigação podem gerar novas abordagens. É o que vemos com a Dialectologia pluridimensional.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa leva em consideração as orientações da Dialectologia Pluridimensional apresentadas em Radtke e Thun (1996) e Thun (1998). Consideramos três dimensões para estudo, a saber: diatópica-topostática, diageracional e diassexual. A escolha de apenas três dimensões deve-se às características sociais dos Asuriní do Xingu e dos Araweté, sociedades que apresentam pouca estratificação.

Quanto à rede de pontos, selecionamos quatro comunidades. Duas comunidades Asuriní do Xingu e duas Araweté. A figura 1 destaca os pontos pesquisados.

Figura 1: Pontos linguísticos



Fonte: O autor

Selecionamos quatro colaboradores residentes de cada comunidade para aplicação do QSL⁴ do projeto ALiB. Dezesesseis indígenas participaram da pesquisa. O perfil dos colaboradores está destacado no quadro 1.

⁴ O QSL do projeto ALiB possui duzentas e duas questões distribuídas em quatorze campos semânticos.

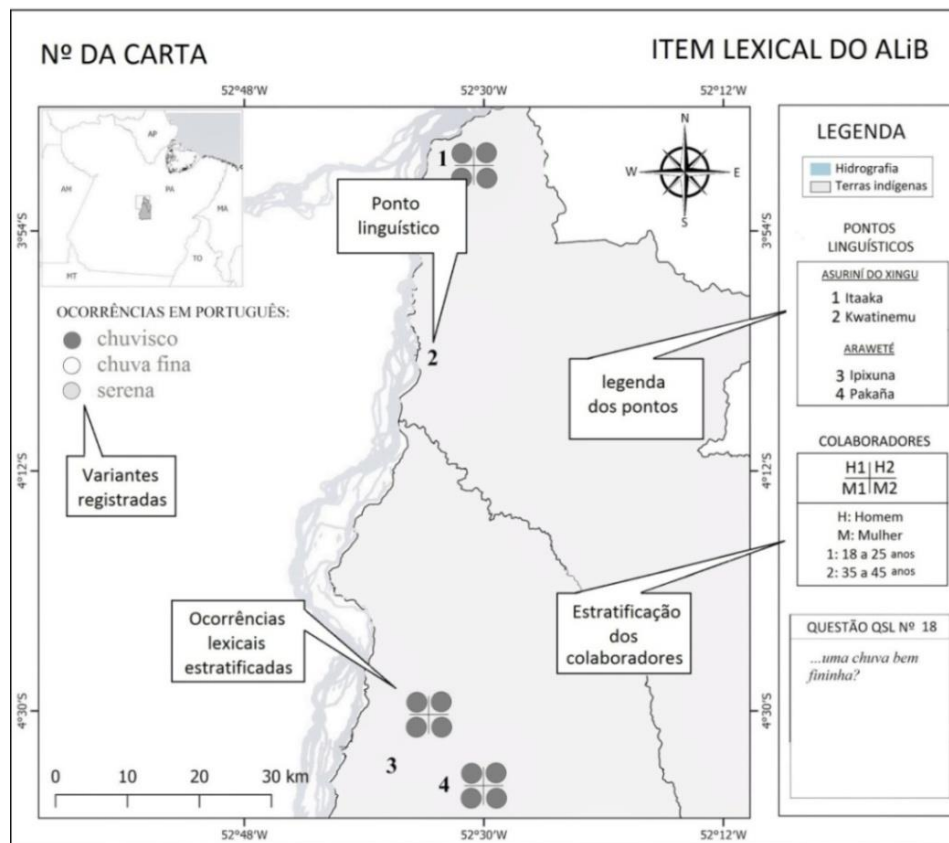
Quadro 1. Perfil dos colaboradores

Colaboradores	Representação
1 homem de 18 a 25 anos (1ª geração)	H1
1 homem de 35 a 45 anos (2ª geração)	H2
1 mulher de 18 a 25 anos (1ª geração)	M1
1 mulher de 35 a 45 anos (2ª geração)	M2

Fonte: O autor

Para a composição e edição das cartas linguísticas, utilizamos o programa computacional QGIS 2.18. A figura 2 apresenta uma carta linguística explicativa que deverá servir de base para a leitura da carta em análise.

Figura 2 - Carta linguística com finalidade explicativa



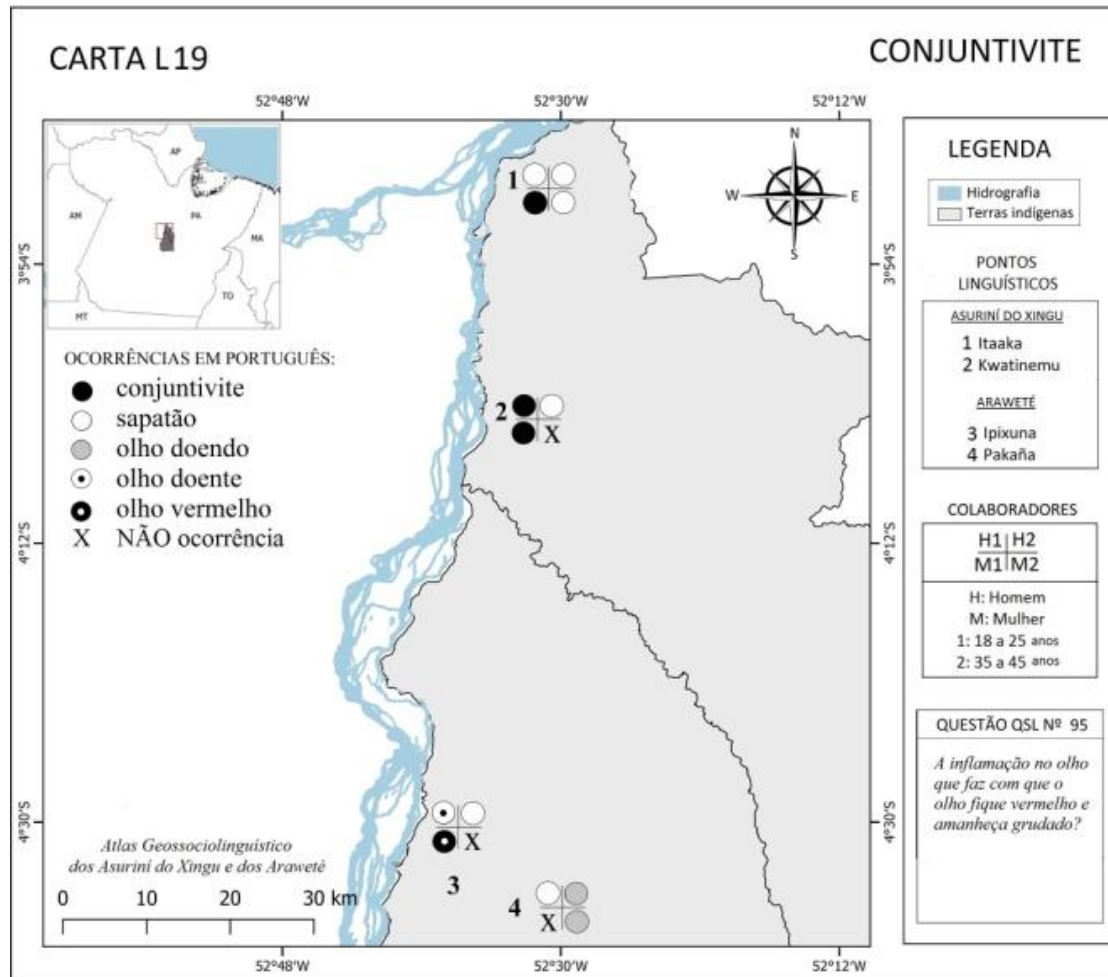
Fonte: O autor

Apresentação e discussão dos resultados (Carta L19 - Conjuntivite)

Apresentamos as análises referentes ao item “conjuntivite”. Destacamos que as análises das dimensões diassexual e diageracional são separadas para cada etnia em decorrência de elas apresentarem perfis sociolinguísticos distintos.

Na carta L19 foram mapeadas 13 ocorrências lexicais distribuídas entre as variantes, *conjuntivite*, *sapatão*, *olho doendo*, *olho doente*, *olho vermelho*. A figura 3 apresenta o mapeamento em que os destaques ficam para *sapatão*, variante de maior frequência.

Figura 3 - Carta L19 (Conjuntivite)



Fonte: O autor

Nota-se que *sapatão* ocorreu em todos os pontos pesquisados. Ainda se pode observar que as comunidades Araweté apresentam mais diversidade lexical que as comunidades Asuriní. A carta L19 destaca um dado incomum, pois o grupo que apresenta um português com usos mais heteroléxicos é os Asuriní, como aponta Alves (2018). Um dos motivos para que os Araweté apresentem mais diversidade lexical que os Asuriní para o item em questão é que, talvez, ainda desconheçam variantes comumente usadas para a doença “conjuntivite”, o que faz os Araweté utilizarem estratégias para tentar dar respostas em português, uma dessas estratégias é a interferência linguística. Oliveira e Alves (2019) destacam algumas interferências no português falado pelos Araweté, motivadas pelo aprendizado rápido e irregular do PB.

As interferências são *olho doendo* e *olho doente*. Na língua Araweté “conjuntivite” chama-se *heha nahime?e* e significa literalmente em PB “olho que dói” ou “olho doente/doendo”. Percebe-se que as interferências semânticas são estratégias utilizadas pelos indígenas na tentativa de comunicar-se em português quando inquiridos. Essas interferências são um dos fenômenos que acontecem quando há línguas em contato.

Tabela 1: Frequência diatópica para “conjuntivite”

Variantes	Frequência das variantes por ponto				Total
	Asuriní do Xingu		Araweté		
	Itaaka	Kwatinemu	Ipixuna	Pakaña	
<i>conjuntivite</i>	33%	67%	-	-	100%
<i>sapatão</i>	50%	16,6%	16,6%	16,6%	100%
<i>olho doendo</i>	-	-	-	100%	100%
<i>olho doente</i>		-	100%	-	100%
<i>olho vermelho</i>	-		100%	-	100%

Fonte: O autor

Quanto ao comportamento lexical pelos pontos pesquisados, verifica-se que a variante *conjuntivite* somente ocorreu nas comunidades Asuriní, com predominância no Kwatinemo. *sapatão*, variante presente em todas as comunidades, foi preponderante no Itaaka. *olho doente* e *olho vermelho* foram característica do Ipixuna e *olho doendo* só apresentou ocorrência no Pakaña. Ao comparar com os dados lexicais da cidade de Altamira registrados pelo ALiPA, percebemos que as comunidades Asuriní apresentam mais similaridades com a variedade dessa cidade que as comunidades Araweté, visto pela alta frequência das variantes *sapatão* e *conjuntivite*, variantes que predominam na cidade.

Sobre a dimensão diassexual nos Asuriní, nota-se que a variante *sapatão* apresentou maior frequência para os homens e *conjuntivite* foi mais frequente nas mulheres. Pode-se dizer que os homens Asuriní preferem *sapatão* e as mulheres preferem *conjuntivite*. A seguir, discutimos a dimensão diageracional.

Nos Asuriní, os mais velhos preferem mais a variante *sapatão* enquanto que *conjuntivite* é preferida pelos jovens. Além disso, os jovens Asuriní apresentam usos mais heteroléxicos para o PB em relação à geração mais velha. Alves (2018) destacou que a maior produtividade lexical entre os mais jovens devia-se a maior participação deles na escola em relação aos mais velhos, isto é, o fator escolar apresenta influência na diversidade do PB dos indígenas mais jovens.

Quanto aos Araweté, na dimensão diassexual, destaca-se uma ligeira preferência por *sapatão* pelos homens e mulheres apresentando vazios lexicais. Isso se deve a um maior conhecimento de PB aos homens em relação às mulheres. Alves (2018) destacou que os homens Araweté apresentam um PB mais diversificado e melhor proficiência nessa língua, porque são eles que mais interagem com a sociedade

envolvente, sociedade falante nativa de português. Na dimensão diageracional, destaca-se apenas maior produtividade lexical nos mais jovens em relação aos mais velhos e a preferência da segunda geração por *olho doendo*.

Considerações finais

O presente trabalho apresentou o mapeamento do item “conjuntivite” sobre a diversidade lexical do PB de comunidades Asuriní do Xingu e Araweté. Como destacado nas discussões sobre o contato de línguas, os resultados revelam diferentes estratégias para responder questões em português que os indígenas se utilizam, como uso de tradução a partir de formas de sua língua nativa. O PB das comunidades indígenas, principalmente das comunidades Araweté, é extremamente marcado por influências da língua étnica.

Os resultados também mostram as influências lexicais da cidade de Altamira nas comunidades mais próximas da cidade, as comunidades Asuriní. A semelhança entre a variedade do PB dos Asuriní e a variedade da cidade é reflexo do comportamento que essa etnia apresenta com a sociedade envolvente, isto é, mais tempo de contato com ela se comparado com os Araweté, contato intensificado em decorrência de sua proximidade geográfica com a cidade.

Além das discussões sobre as interações dos indígenas com a sociedade envolvente que faz a variedade lexical do português de suas comunidades assemelhar-se com o padrão lexical do PB da cidade, os resultados também apontam que os jovens apresentam diversidade mais heteroléxica do que os mais velhos. Isso deve ter relação com o fato de eles serem os sujeitos que mais interagem com a variedade da cidade e estarem mais envolvidos no contexto escolar, portanto têm mais acesso à diversidade lexical do português da sociedade envolvente.

Referências

- ALVES, F. L. de O. *A variedade do português falado pelos Asuriní do Xingu e pelos Araweté: um estudo geossociolinguístico*. 2018. 159 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.
- BRANDÃO, S. F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, S. A. M. da S.. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COSERIU, E. *Sentido y Tareas de la Dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México / Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, E. O. da. *Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português Falado em Áreas Indígenas de Língua Tupí-Guaraní nos Estados do Pará e Maranhão*. 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

GUEDES, R. J. da C. *Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani nos estados do Pará e Maranhão*. 2017. 296f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

OLIVEIRA, M. B.; ALVES, F. L. de O. Línguas em contato na Amazônia: contornos diatópicos e diastráticos. In: MOUTINHO, L. C.; COIMBRA, R. L.; FERNÁNDEZ REI, E.; SOUSA, X.; GÓMEZ BAUTISTA, A. (eds.). *Estudos em variação linguística nas línguas românicas*. Aveiro: UA Editora, 2019.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolinguística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

RODRIGUES, M. D. G. *Mapeamento lexical do português falado pelos Wajãpi no estado do Amapá: uma abordagem Geossociolinguística*. 2017. 151f. Dissertação (Mestrado em letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

THUN, Harald. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY. *Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*, 21., 1995, Palermo. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

TRUDGILL, P. *Sociolinguistics: an introduction to language and society*. Penguin books, 2000.

Artigo recebido em: 15/07/19

Artigo aceito em: 22/08/19